

Maíra Mello

*Não sou escravo de nenhum senhor  
Meu Paraíso é meu bastião  
Meu Tuiuti, o quilombo da favela  
É sentinela na libertação<sup>1</sup>*

**“ih, ela falou que você é preta”:  
Uma breve conversa sobre o fazer docente a partir da  
questão racial**

**E**ste texto é parte de minha pesquisa de mestrado intitulada *Corpos em Potência: narrativas imagéticas de professoras na produção de outras existências negras/racializadas possíveis* em que refleti com cinco professoras negras sobre rosto-professora (DELEUZE, 2012) e mulher-negra-professora, a partir de discussões acerca dos nossos processos de racialização, subjetivação e identitário e a maneira como seus corpos afetam os cotidianos das escolas e como os cotidianos das escolas também os afetam. Afinal, pesquisar com os cotidianos é refletir sobre os processos de constituição dos sujeitos a partir de suas práticas nas múltiplas redes educativas, no *dentrofora* das escolas (ALVES, 2008; 2010).

As professoras participaram de conversas acerca de suas vivências enquanto mulheres negras nos cotidianos das escolas e quais táticas são praticadas por elas (CERTEAU, 2014) na produção de currículos outros a partir da questão racial. Para esta conversa, apresento uma delas: Cátia Cilene de Paula, de 50 anos, pedagoga, professora do Ensino Fundamental I de uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro-RJ. Cátia entrou no

---

<sup>1</sup> Trecho do samba enredo da Escola de Samba carioca Tuiuti, de 2018.

estúdio cantando o refrão do samba enredo de 2018 da escola de samba Tuiuti, do Rio de Janeiro, cujo trecho está descrito na epígrafe deste texto. Vamos à conversa!

**MM:** Cátia, como foi sua trajetória profissional até começar a lecionar?

**CCP:** Trabalhei em muitas coisas, até que em 2005, por diversas circunstâncias, consegui terminar o curso de Pedagogia e fui trabalhar no Liceu de Artes e Ofícios. Ao mesmo tempo que foi meu céu, foi meu inferno. Porque ali, no primeiro dia que eu cheguei, foi a primeira vez que eu me deparei com a questão racial num ambiente diferente de trabalho. Porque eu morava no Jacaré, e quando fui entrevistada, antes da entrevista, a pessoa que ia me entrevistar mandou um recado pra mim pedindo que eu não fosse vestida de shortinho e top. Aí eu fiquei pensando: gente, eu sou uma professora, vou pra uma entrevista de short e top? Mas aí tudo bem, passou. Comecei a trabalhar, fiquei lá por alguns anos.

**MM:** Quando você já estava na escola como professora, houve alguma situação relacionada à questão racial?

**CCP:** Meu primeiro dia de aula na escola que eu trabalho até hoje, que eu gosto muito, duas meninas que conversando virou pra outra e falou assim: "ih, ela falou que você é preta". Aí eu falei assim: "tá. Tá ok!" Aí chamei a menina e perguntei: "eu sou negra sim, eu sou preta sim. Você acha que tem algum problema?" Ela riu e fez assim: "não. Até que enfim que pela primeira vez eu tive uma professora preta". Eu achei maravilhoso! É isso que acaba me dando alegria no dia a dia.

**MM:** Que benefícios, que riquezas, que expansão você traz para essas crianças que têm uma professora negra na escola?

**CCP:** Elas (meninas negras) conseguem se ver negras também. Elas têm mais facilidade de se aceitar como são. Não todas, não. Tem algumas que se negam. Tem umas que me acusam assim: "você é negra, mas eu não sou". Mas tudo isso...(pausa) é como se a minha atuação permitisse essa fala. Até negando aquilo que ela realmente é, de ela se permitir dizer que não é.

**MM:** Você acha que mesmo que não seja explicitado existe um padrão da professora, considerado ideal?

**CCP:** Isso tem. Geralmente assim: a imagem que se passa de um bom professor é o daquela professora que é bem séria, que fala manso, que ri pouco. Eu não sou nada disso, gente. Adoro rir. Rir é o melhor remédio. Tenho bom humor. Sou muito feliz. Uma coisa que me incomoda um pouquinho é às vezes quando um aluno me vê vestida na rua e no caso eu estou de short e fala: "professora, você tá de short". Sim. A

professora anda de short. A professora tá de biquíni. Então, existe isso de uma forma não dita, de uma forma velada de um ser professor que na verdade precisa ser quebrada. Porque professor é uma pessoa. Que tem conflitos, que perde a paciência. Que tem amor pelo que faz, mas que gosta do salário, porque tem que pagar contas. Tudo isso. Que transa. Que trai. Que é traída. Que come. Que bebe. Toma cachaça. Toma porre. Tudo isso.

Figura 1 e 2: Cátia Cilene de Paula



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisa, fotografado por: Maíra

Em sua narrativa, Cátia Cilene mostra que, ao mesmo tempo em que seu corpo feminino negro causa incômodo nesses *espaçostempos*, ela é praticante ativa na tessitura de conhecimentos e ressignificações nas redes educativas cotidianas acerca das questões raciais, sendo *praticantepensante* tecendo as *políticaspráticas* (OLIVEIRA, 2013) cotidianas, problematizando e quebrando paradigmas. Por isso, a educação é tão importante na luta antirracista.

### Referências:

ALVES, Nilda. Tecer conhecimentos em rede. In: ALVES, N. & GARCIA, R. L. (org.). **O sentido da Escola**. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2008.

\_\_\_\_\_. Redes Educativas 'dentrofora' das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: SANTOS, Lucíola, DALBEN, Ângela e LEAL, Júlio Diniz Leiva (Orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo, Ensino de Educação Física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade**. 66 ed. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1: artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia 2. v. 3. São Paulo: Editora 34. 2012.

\_\_\_\_\_. **Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre**. *In*: Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1273-1288, Set./Dez. 2005.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Currículo e processos de aprendizagemensino**: *políticaspráticas* Educacionais Cotidianas. *In*: Currículo sem Fronteiras, v. 13, n. 3, p. 375-391, set./dez. 2013.

### **Sobre a autora:**

Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo pela FAESA/ES, mestre e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação-ProPEd/UERJ, com pesquisas na intersecção entre corpo, imagem, gênero, sexualidade, raça, formação de professoras e cultura digital.